

O Cangaceiro na Internet

**Comédia em 3 atos
de**

WILLIAM MENDONÇA

O CANGACEIRO NA INTERNET

Comédia em 3 atos
de William Mendonça

Peça teatral escrita em 1998.
Encenada pela primeira vez em 2006.

® Todos os direitos reservados

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita
desde que o conteúdo não seja alterado
e que seja citada a autoria e a fonte.

Mendonça, William Pereira de (1968 -)
O CANGACEIRO NA INTERNET - Comédia em 3 Atos
Tanguá-RJ: Edições Cia. de Duques
70 p.; 21 cm
1 - Teatro, comédia

Publicado no site do autor em 19/11/2006
www.williammendonca.com

Contatos para montagens teatrais:
will_mendonca@yahoo.com.br

O CANGACEIRO
NA INTERNET

William Mendonça

ÍNDICE

5 - Sobre a peça

6 - Personagens

7 - Primeiro ato

27 - Segundo ato

47 - Terceiro ato

69 - Sobre o autor

O Cangaceiro na Internet

A peça teatral **O CANGACEIRO NA INTERNET** é uma brincadeira a partir de situações reais: realmente, um grupo gay da Bahia disse que o cangaceiro Lampião era homossexual, assim como o autor conheceu um sobrinho neto de Lampião e encontrou, quando estava escrevendo o texto, poucas referências sobre o cangaceiro na web. Com essas informações e criando personagens e situações cômicas, o autor fez a extrapolação que é o mote da peça: e se o cangaço chegasse à internet?

Escrita em 1998, a peça **O CANGACEIRO NA INTERNET** comprova a veia cômica de William Mendonça, seguindo a linha traçada por sua comédia anterior, **O ENCOSTO**. O estilo é próximo ao dos vaudevilles e das comédias cinematográficas da extinta Atlântida, imortalizadas por Oscarito - situações familiares levadas ao tom da caricatura.

O texto permaneceu inédito até 2006, quando o diretor Zeca Palácio se reuniu ao grupo Teatro Popular Grades da Arte, para a montagem do espetáculo. A estréia aconteceu em novembro, no Teatro Municipal João Caetano, de Itaboraí - RJ

William Mendonça, poeta, cronista e jornalista, iniciou-se na dramaturgia em 1987. É autor de 12 peças teatrais, algumas já encenadas, como “O Encosto”, “A Voz que Clama no Deserto”, “Cordeiro de Deus” e “Os quatro poetas” . .

PERSONAGENS

MÁRIO - Homem na faixa dos 40 anos. Nordestino. Descendente de Lampião. Irritado e explosivo.

MUNDINHA - Esposa de Mário. Mesma idade. Artista plástica.

MARIA BONITA - Filha mais velha do casal. 17 anos. Cursa o pré-vestibular.

LINO (VIRGULINO) - Filho caçula. 14 anos. Ligado em informática.

FRED - Namorado de Maria. Seis anos mais velho. Repórter-fotográfico free-lancer.

JANE - Empregada da família. Pessoa de confiança da patroa.

HUGO STOCKLOS - Marchand paulista. Homem de sucesso, muito refinado.

O CANGACEIRO **NA INTERNET**

1º ATO

(Apartamento quase típico da classe média carioca. O cenário é, basicamente, a sala de estar - com saídas para a cozinha e os quartos. Um jogo de sofá e poltronas, de bom gosto, e quadros de Mundinha - a dona da casa - nas paredes, contrastam com o “canto nordestino” de Mário, o marido de Mundinha - onde se pode ver uma rede, xilogravuras retratando o cangaço, uma estante com literatura de cordel e uns cestos de palha trançada. Em outro canto, o refúgio dos jovens - com um micro-computador, som, estante com CDs e almofadas. Mundinha está na sala, em sua poltrona cativa, lendo uma revista, enquanto Lino - o filho mais novo - “navega” na Internet, em seu computador, comendo pipocas.)

MÁRIO: (entrando, completamente descabelado, transtornado, com a roupa rasgada e sem os sapatos - furioso) Ah! Se fosse lá na Caatinga! Eu sangrava esse cabra! Arrancava as tripas dele pelo rabo!

MUNDINHA: (espantando-se) Mário!?! O que é que houve com você, homem? Parece que foi mastigado por um dragão!

MÁRIO: Dragão tô eu, Mundinha - tô cuspiendo fogo, marimbondos, canivetes e tudo mais ...

MUNDINHA: Mas por que isso, afinal?

MÁRIO: E o que é que você acha? Nessa cidade da peste, só

pode ser uma coisa: (suspense) eu fui assaltado!

MUNDINHA: Ah! Meu Deus! (levanta e vai até ele, preocupada) E levaram muita coisa?

MÁRIO: Tudo, Mundinha - me deixaram lesado, ferrado, sem um tostão. Levaram o carro - ó só, até os sapatos que eu comprei na semana passada ...

MUNDINHA: Vem, Mário, senta aqui e se acalma! (leva o marido até o sofá e força-o a sentar) Pelo menos você está bem, homem - não te fizeram nada ...

MÁRIO: (levanta-se, indignado) Não me fizeram nada!? E a minha honra, mulher? E o meu sangue de cabra macho? E a minha origem? Nessas horas, não aparece nenhum macaco pra ajudar a gente!

MUNDINHA: (fazendo com que ele sente) Macaco não, homem - eu já disse pra você não chamar policial de macaco, que você ainda vai ser preso por isso.

MÁRIO: Eu não duvido disso não ... se fosse pra prender bandido, vagabundo e traficante que tá na rua achacando a gente, eles não tavam nem aí - mas, pra prender um pai de família ...

MUNDINHA: Você está muito nervoso, Mário.

MÁRIO: E você queria o quê? Que eu tivesse calmo, rindo igual a um debilóide? Eu tô é muito contrariado mesmo, mulher ... (Levanta de novo) Mas você pensa que eu deixei barato? Nãããã!!!

MUNDINHA: Mário ...

MÁRIO: Pensa que eu fiquei quieto? Nããã! Eu virei pro cabra e, na lata - assim, ó, bem no meio das fuças do safado - (imita) disse “Ô cabra, cê sabe que é que cê tá assaltando?”

MUNDINHA: E se arriscou a tomar um tiro ...

MÁRIO: Nessas horas eu não consigo ficar calado, mulher. Mas aí, o “sem mãe” virou e disse - “Quem você é não me interessa, e cala essa boca senão leva um teco”. Vê se pode, Mundinha, um desrespeito desses. Os cabras tão cada dia mais abusados ...

MUNDINHA: Bom, aí você ficou quieto, né?

MÁRIO: De jeito nenhum! E minha honra, onde é que fica? Disse pra ele: “Eu sou Mário Ferreira, sobrinho-neto de Virgulino Ferreira, o Lampião. Sou herdeiro da tradição dos cangaceiros do Nordeste”.

MUNDINHA: (põe as mãos na cabeça) Não acredito que você fez isso ...

MÁRIO: Fiz, fiz sim! E sabe o que o desaforado teve a coragem de me dizer?

MUNDINHA: Imagino ...

MÁRIO: Disse que cangaceiro que se preza não anda sem peixeira, e que eu era o “lamarina”... (Mundinha ri) E depois me encheu de sopapo. Tá doendo até agora.

MUNDINHA: Bem feito! É bom pra você aprender ... Fica pensando que tá no sertão, com uns jagunços do lado ... Mas não, homem, você tá no Rio de Janeiro - aqui só tem bandido

high-tech, com granada, fuzil do exército, carro blindado - e fica você querendo encarar, (ri) ainda mais sem a peixeira! Senta aí, homem.

MÁRIO: Mas ...

MUNDINHA: (ordena) Senta, Mário! (ele senta) Vou pegar um copo d'água pra você!

MÁRIO: Traz uma pinga, que eu tô com as cachorras hoje!

MUNDINHA: Água - e com açúcar! (incisiva)

MÁRIO: Isso é coisa de bicha! (ela sai. Mário tenta se arrumar um pouco, passa a mão no cabelo, abotoa a camisa).

MUNDINHA: (voltando) Toma isso, ô valentão!

MÁRIO: (começa a tomar, mas nota que o filho estava o tempo todo na sala, e nem ligou para o seu “drama”) E esse aí? (aponta para o filho)

MUNDINHA: Tá navegando ... na Internet!

MÁRIO: Ele devia é navegar no Canal do Mangue - e de jangada, pra ver o que é bom! Ô peste, você nem dá atenção ao seu pai!

LINO: O quê?

MÁRIO: Alô! Planeta Terra chamando Virgulino!

LINO: (irritado) Não me chame desse nome!

MÁRIO: (para a mulher) Tá vendo, escolhi bem o nome desse menino - só assim ele tira a cara desse computador!

LINO: O que é que foi, hein!

MÁRIO: Eu tô aqui há meia hora contando que fui assaltado, tomei umas pancadas, e coisa e tal, e você fica aí ... navegando .. no seu Titanic portátil!

LINO: Ah! Foi isso? (desdenha) Eu já fui assaltado umas seis vezes e ainda não tenho quinze anos. Já levaram até a minha cueca uma vez - e eu não fiz esse escândalo ... (vira para o computador).

MÁRIO: Mas que droga é essa? Um motim? É uma rebelião em família?

MUNDINHA: Lino, meu filho, seu pai podia ter morrido ...

LINO: Ele tem jeito de pobre, mãe - os caras devem ter achado que ele era só o motorista do carrão ...

MÁRIO: (exaltado) Eu vou encher esse moleque de cascudo, mulher! Me segura! Me segura, que eu perdi o estribo!

LINO: (nem se abala) Tá, pai, foi mal, aí! É que eu tô meio ligado num “site” novo que eu descobri ...

MÁRIO: Mas o que é que tem de bom nesse troço, que você não desgruda dele, moleque? Ao invés de ir pra rua arrumar uma mulher ...

MUNDINHA: (repreende) Mário!

LINO: Aqui tem mulher também, pai - e sem esse negócio de Aids ...

MÁRIO: Não, eu não aguento isso ... Meu Padre Cícero, acho que eu joguei pedra na cruz!

MUNDINHA: (sussurando, para o filho) Vê se não piora as coisas, Lino - seu pai tá nervoso, e você sabe como ele é esquentado ...

LINO: Tá, tá ... Quer pipoca?

MUNDINHA: Menino, toma jeito!

MÁRIO: (desanimado) Vou lá dentro tomar um banho e ficar com cara de gente de novo ... (sai devagar) Mundinha, tem café pronto?

MUNDINHA: Tem, Mário ... (ele sai) Seu pai precisa se controlar ... esse sangue quente dele ainda vai acabar fazendo um estrago.

LINO: Pô, mãe! Você também é lá do Nordeste e é tão calma - resolve tudo sem se estressar. Mas o papai, parece que tá sempre pronto pra estourar.

MUNDINHA: É a origem, filho - esse negócio de ser sobrinho-neto de cangaceiro é sério.

LINO: Nem me lembra isso - eu só passo vergonha!

MUNDINHA: Meu filho ...

LINO: Como é que você deixou, mãe? Não tinha um nome tipo João, José, sei lá, qualquer coisa comum servia.

MUNDINHA: Eu não deixei, meu filho - é coisa da cabeça do seu pai. Ele registrou você quando eu estava no hospital. Com a sua irmã foi a mesma coisa - por isso que ela se chama Maria Bonita.

LINO: Mas é dose, mãe. Imagina só, eu naquele colégio cheio de emergentes, de playboys, de meninas mimadas - e aí, no final da lista de chamada, apareço eu, Virgulino Ferreira Sobrinho-Bisneto! Olha só pra mim, vê se dá pra aguentar ...

MUNDINHA: Tente compreender, Lino.

LINO: Você fala isso porque não te chamam de “Lamparina” o tempo todo, e ainda tem os vexames que o papai dá em toda reunião de classe.

MUNDINHA: Nem me fale, meu filho! Tive que proibir seu pai de ir às reuniões ...

LINO: Aquela dele enfiar a peixeira no quadro negro foi demais - falam disso até hoje!

MÁRIO: (entrando) Eu devia era ter cortado os ovos daquele professor de história! Chamar o meu tio-avô, o grande Lampião, de bandido sanguinário - só se for por cima do meu cadáver.

MUNDINHA: Não vamos começar com isso de novo, Mário!

MÁRIO: Tá bom, Mundinha - é que o sangue sobe pra cabeça e eu perco o controle. (outro tom) Ô Mundinha, hoje é folga da Jane?

MUNDINHA: Não, ela tá lá dentro vendo uma novela me-

xicana, ou argentina, sei lá ...

MÁRIO: É brincadeira! Depois a gente demite uma infeliz dessa, e leva um prejuízo na Justiça do Trabalho, porque ela fazia “muita hora extra” - hora extra vendo novela na “minha” televisão!

MUNDINHA: Se acalme, homem! Você hoje tá comprando briga com todo mundo ... (entra Maria, a filha, com roupa de ginástica e mochila).

MARIA: Oi, gente!

MÁRIO: Até que enfim, menina - isso são horas?

MUNDINHA: Sossega, Mário - deixa sua filha respirar ...

MARIA: Eu tava na aula de aeróbica, pai ...

MÁRIO: Estudar pro vestibular que é bom, nada, né?

MARIA: Mas eu vou fazer vestibular pra Educação Física, pai. Tem prova de aptidão, sabia?

MÁRIO: Tá vendo, Mundinha - a gente cria uma filha desde as fraldas até o modess, ela cresce, fica bonita desse jeito, inteligente, falando três línguas, pra quê? Pra menina estudar Educação Física!

MUNDINHA: É o que ela gosta, Mário.

MARIA: Não começa com discurso não, pai - eu tô cansada, malhei um tempão. Vou tomar um banho e me arrumar que vou ao cinema com o Fred.

MÁRIO: (exalta-se) Cinema, a essa hora? (procura o relógio) Mas são ... ahn ... são ... ah! Achei! Oito e meia da noite!

MARIA: Tem uma sessão às nove e quinze ... Ainda tem pipoca aí, Lino?

LINO: Pra você não, Maria Bonita!

MARIA: Tudo bem - no cinema tem muita! (vai saindo) O Fred já deve estar chegando ...

MUNDINHA: Vai se arrumar, minha filha. Deixa que eu recebo seu namorado - tem um bolinho de chocolate que ele vai adorar.

MARIA: Valeu! Volto já! (sai)

MÁRIO: (vai deitar na rede) Mundinha, essa menina tá me preocupando ...

MUNDINHA: Por que, Mário? Ela é uma ótima aluna, é da geração saúde, não fuma, não bebe, não se droga - pensa que é fácil ter uma filha assim hoje em dia? A Maria é uma pérola! (o filho cutuca a mãe e dá um sorriso) Ah! E o Lino também é!

MÁRIO: Corujice de mãe. Adolescente sempre dá problema! Esse aí nem se preocupa em saber como vão meus negócios ...

LINO: (bajulando) Ah! Pai, você é bom nisso - ninguém é melhor que você pra administrar ...

MÁRIO: Mas vai que eu morro - tenho um treco, caio duro de uma hora pra outra - quem cuida de tudo, o cabra!?

LINO: A mamãe, ué!

MÁRIO: Que herdeiro bom eu tô criando ... (toca a campainha. Mundinha levanta-se para atender) Fica aí, mulher! Pra que é que eu pago uma empregada? (toca a campainha novamente) Tamos precisando botar ordem nessa casa - essa empregada não serve pra nada! (toca outra vez. Mundinha já está ansiosa) Ô Jane! Vai atender a porta!

JANE: (fora de cena) Agora vão passar as cenas do capítulo de amanhã. Atende aí, seu Mário!

MÁRIO: (resmungando) Eu atendo ... (fala alto) mas antes eu esfolo você e jogo pros carcarás, sua inútil! (continua na rede. Toca a campainha) Vai lá, Lino!

LINO: Sabia que ia sobrar pra mim ... (levanta e abre a porta. Entra Fred, o namorado de Maria. Cumprimenta Lino, descontraído, mas recupera a pose quando vê Mário e Mundinha)

FRED: Boa noite, seu Mário ... Dona Mundinha! ...

MUNDINHA: Boa noite, Fred!

MÁRIO: Vão ver que filme? Olha que Maria Bonita só tem 17 anos e não pode ver essas porcarias que vocês gostam de assistir!

MUNDINHA: (repreende) Mário, você nem cumprimentou o rapaz.

MÁRIO: Acenei com a cabeça, e tá muito bom pra um “futuro pretenso” membro da família.

MUNDINHA: (para Fred) Desculpe, meu filho, o Mário é assim mesmo.

FRED: Que é isso, Dona Mundinha. Por mim, tudo bem - Maria já conversou comigo sobre isso ...

MUNDINHA: E o jornal - muito trabalho por lá?

FRED: Bastante - tem dia que eu cubro esporte, tem dia que faço política, cultura - até visita de chefes de estado.

MÁRIO: E já foi contratado, ô cabra?

FRED: Sou free-lancer ...

MÁRIO: Quer dizer, agregado de ocasião!

FRED: Até que eles efetivem um fotógrafo leva tempo ...

MÁRIO: (para Mundinha) Com tanta gente de peso por aí - e nossa filha resolveu namorar um fotógrafo, que nem empregado está ...

MUNDINHA: Cale a boca, Mário!

LINO: (baixo) Fred! Ô Fred, vem cá!

FRED: Ahn!?

LINO: Sai daí que meu pai hoje tá pior do que de costume. Disfarça aqui - finge que tá navegando.

FRED: (senta-se) Valeu, Lino!

MÁRIO: Mundinha, falando desse jeito você acaba com a minha auto-estima.

MUNDINHA: Mas você tem que ser sempre desagradável!? O rapaz não fez nada a você ...

MÁRIO: Ele é quase 10 anos mais velho que Maria Bonita ...

MUNDINHA: Seis anos, Mário - não exagere!

MÁRIO: Pra mim, passou de cinco é quase 10! (entra Maria, toda produzida) Olha lá, alguém diz que essa menina tem só 17 anos? E tudo isso pra sair com esse retratista lambe-lambe!

MUNDINHA: Mário!!!

MARIA: O Fred já chegou e vocês nem me avisaram ...

MÁRIO: É que eu ainda não instalei um interfone no banheiro - mas não liga não, que eu já estou providenciando. (nisso Fred levanta e dá um beijo demorado em Maria. O pai fica apreensivo) Ó! Ó! Ó só, Mundinha!

MUNDINHA: Homem, controla a sua língua!

MÁRIO: E as línguas deles, quem é que controla! Ô retratista! Ô cabra, tem certeza que vocês vão ao cinema?

FRED: (ajeitando-se) Ca-claro, s-seu Mário!

MÁRIO: Olha lá, heim! Tenho uma peixeira que foi de Corisco - o diabo louro - e que já cortou as coisas de muito cabra igual a você!

MARIA: Pai, dá um tempo! (Fred tenta fazer de conta que está tudo bem)

MÁRIO: Ô Jane, traz uma pinga pra mim e pro retratista!

FRED: Desculpe, seu Mário, mas não vou aceitar - eu não bebo ...

MÁRIO: É frouxo, eu sabia que era frouxo! Mundinha, é com isso aí que a nossa filha vai sair? Seu nome todo qual é, ô cabra!

FRED: Fredrich Heinsentoff Schulz!

MÁRIO: Isso é um nome, ou uma bula de remédio?

FRED: É que eu sou descentente de alemães ...

MÁRIO: Nazistas?

FRED: Deus me livre! Isso nem existe mais ...

MÁRIO: Não, é? Vai que começa outra guerra e seus patrícios resolvem incinerar nordestinos.

MUNDINHA: Mas como você está falando besteira hoje, heim, Mário! Vou ter que te amordaçar, homem?

MÁRIO: E onde é que você tá vendo besteira? Se aqui no Brasil, eles já matam os nordestinos de fome, de sede, de falta de casa e terra, imagine lá fora, com aqueles cabeças raspadas!

MARIA: (ansiosa) Vamos, Fred!

FRED: É ... ahn, vamos sim ... até mais, gente!

MUNDINHA: (levanta-se e vai levá-los até a porta) Fred, eu te peço de novo - não liga pro Mário, não. É que ele foi assaltado hoje e está descontando em todo mundo.

MARIA: Ah! Mamãe, ele é sempre desse jeito ... Eu te avisei, Fred.

FRED: O importante é conquistar a confiança dele ... Não ligue não, Dona Mundinha - eu tenho muita paciência. (saem)

MUNDINHA: Cuidem-se!

LINO: (grita, de repente) Porra!

MUNDINHA: Que palavreado é esse, Lino!?

LINO: Foi mal, mãe. É que eu descobri um troço aqui que o papai vai adorar ... pra não dizer o contrário.

MÁRIO: Que foi? É o catálogo de carros roubados?

LINO: É sobre Lampião! (Mário levanta atabalhoado e cai da rede)

MUNDINHA: Mário!!!

MÁRIO: (levantando) Mas hoje o dia tá muito bom mesmo! Só falta agora eu cair no fosso do elevador ...

MUNDINHA: Vira essa boca pra lá!

LINO: Tem uma home-page de um grupo gay lá da Bahia ...

MÁRIO: (interrompendo) Eu disse, mulher, que esse meni-

no tava ficando esquisito - agora fica procurando baitola no computador ... Vou te dar uma coça, moleque!

LINO: Pô, pai, eu só tô fazendo uma pesquisa ...

MÁRIO: Sei, sei ... como ser baitola em três lições, e sem sair de casa!

LINO: É sobre Lampião, pai!

MÁRIO: E o que é que o cangaceiro mais famoso do Brasil tem a ver com esses degenerados!?

LINO: Tá aqui, ó - eles colocaram Lampião numa lista de gays brasileiros famosos ... (Mário fica pasmo) Ouviu, pai? (Mário começa a estrebuchar) Pai!? Você tá legal?

MUNDINHA: Mário!? (o estado de Mário piora) Ah! Meu Deus, ele vai ter um ataque cardíaco!

MÁRIO: (explodindo) Ah! Mas eu vou lá dentro pegar minha peixeira pra cortar os bagos desses baitolas dos infernos! (sai, irritado)

LINO: Não vão fazer falta mesmo ...

MUNDINHA: Não piora mais, Lino.

LINO: Escapou, mãe! (volta Mário, com a peixeira em riste, e avança contra o computador) Que é isso, pai!? Larga esse troço!

MÁRIO: (transtornado) Eu vou lavar a honra do meu tio avô, menino! Sai da minha frente!

LINO: Para, pai! Esse computador custou mais de dois mil dólares!

MÁRIO: E a honra da nossa família, Virgulino, como é que fica?

LINO: Não me chama desse nome, pai, que eu saio do sério!

MUNDINHA: (grita) Chega!!! Parem, seus malucos! (os dois param como estão e olham para Mundinha) Senta lá, Mário! (ele faz menção de falar) Não discute, Mário! Senta lá! E me entrega essa peixeira! (Mário obedece) Jane, faz um suco de maracujá pra família! Agora!

JANE: (entra imediatamente com uma bandeja, com o suco, na mão) É pra já, Dona Mundinha! (todos se espantam)

MUNDINHA: Mas que eficiência!

MÁRIO: Isso é porque foi você quem mandou! Se fosse eu, o suco só chegava depois que ela colhesse o maracujá no pé.

MUNDINHA: Dá logo um copo pro seu patrão, que ele tá muito estourado hoje.

JANE: (servindo o suco) Que foi, seu Mário, mordeu as gengivas comendo carne de sol? (Lino ri)

MÁRIO: Mais uma gracinha, Jane, e eu contrato a Xita pro seu lugar.

JANE: Tudo bem, seu eu ficar com o Tarzan, aquele pedaço de homem! ...

MÁRIO: Mundinha, eu já disse que tem que adestrar essa

empregada - quem é aquele cara que treinou o cachorro da sua irmã? (Jane ri, e continua servindo o suco) Lino, seu filho desnaturado, que história é essa de ficar lendo coisa de gay?

LINO: Pô, pai, foi na melhor das intenções ...

MÁRIO: Imagino!

LINO: É sério! Eu tava procurando alguma coisa sobre Lampião, e você acredita que depois de um tempão eu só encontrei isso?

MÁRIO: Tá brincando!

LINO: Não, é verdade!

MÁRIO: Então quer dizer que a única referência a Lampião na Internet é essa?

LINO: Foi só o que eu encontrei ... (Jane se interessa pelo assunto e senta no sofá, segurando a bandeja).

MÁRIO: E aí, o mundo inteiro vai achar que Lampião era gay?

JANE: E não era não? Outro dia eu ouvi isso no rádio ...

MÁRIO: É um complô! Só pode ser! Tão difamando um cabra macho e ninguém faz nada!?

MUNDINHA: Dá mais maracujá pra ele, Jane ...

MÁRIO: Quero não, Jane! Quer dizer que isso já deu até no

rádio? É uma desmoralização! (choraminga) O que vai ser de mim agora?

MUNDINHA: Para de drama, homem - é só uma calúnia! Processe quem falou e pronto!

MÁRIO: Processar!? No Brasil!? Quando acabar o processo, até eu já estarei sendo chamado de baitola ... A Justiça muda tudo!

JANE: E o que é que tem demais se Lampião tiver sido gay - tanta gente é! Artista de televisão, político, ouvi até que Zumbi dos Palmares também era ...

MÁRIO: (decepcionado) Zumbi não, Jane! Ele era um herói, um líder dos negros ...

JANE: Vai ver que era, ué!

MÁRIO: Não, eu não admito! Daqui a pouco vão estar dizendo que Antonio Conselheiro e o Padre Cícero tinham um caso. É um monte de boatos! (repara que Jane está no sofá) E você, Jane, o que já está fazendo aqui, aboletada no sofá, e botando mais caraminholas na minha cabeça?

JANE: Nada, seu Mário - só queria ajudar. (levanta)

MÁRIO: Então vai lá dentro ajudar a cafeteira a fazer café!

JANE: Isso é discriminação, seu Mário. Eu tenho direito de expressar minhas idéias - tá na Declaração Universal dos Direitos Humanos!

MÁRIO: Vá contar suas idéias pra cafeteira, que a gente

tem mais o que fazer. (Jane sai contrariada. Mário volta pra rede).

MUNDINHA: Você é tão estúpido com a Jane, Mário. Ela é uma pessoa como nós.

MÁRIO: Lá vem a ativista de esquerda ...

MUNDINHA: (para Lino) Vamos tratar de coisas sérias, Lino - que eu não aguento mais o seu pai hoje.

LINO: O que é, mãe?

MUNDINHA: A home-page pra divulgar os meus quadros: você já terminou?

LINO: (anima-se) Ah! Foi bom você lembrar ... já tá até disponível. Recebi um e-mail de um marchand de São Paulo, querendo entrar em contato pra fazer uma exposição com seus trabalhos por lá.

MUNDINHA: Uau! Que bom! Quer dizer que meus quadros já estão indo pra todo mundo.

LINO: E com toda a qualidade, graças ao seu filhão aqui ...

MÁRIO: A-ha! (tenta levantar às pressas e cai de novo da rede)

MUNDINHA: Outra vez, Mário?

MÁRIO: (levantando) É ... hoje não tá fácil!

MUNDINHA: O que deu em você?

MÁRIO: A família Ferreira vai defender a honra de Lampião.

LINO: Heim!?

MÁRIO: Vamos fazer uma home-page pra contar a história de nosso parente mais famoso. (pro filho) Mãos à obra, Lino!

LINO: Era só o que faltava: um cangaceiro na Internet!

(Black-out. Fim do 1º ato)

O CANGACEIRO **NA INTERNET**

2 ATO

(Alguns dias depois. Maria Bonita está tranquilamente deitada no sofá, lendo uma revista. Entram Mário e Mundinha - ela atarefada com o jantar que vai oferecer a um marchand paulista, que se interessou por seus quadros)

MUNDINHA: (parando no meio da sala) Mário, pela última vez: você vai ter que tirar essa rede da sala! Eu vou receber o mais importante marchand de São Paulo pra um jantar e vai ser um vexame ele dar de cara com esse pedacinho do Nordeste ...

MÁRIO: (relutante) De jeito nenhum! Isso faz parte da minha identidade - é genético, Mundinha, e eu não abro mão. Minha rede fica!

MARIA: Eu voto pela retirada da rede ...

MÁRIO: Ninguém pediu a sua opinião, Maria.

MARIA: Ah! Pai, essa sua redinha é uma vergonha mesmo. Todo mundo comenta ...

MUNDINHA: Pois é, parece que daqui pra lá (aponta) estamos numa casa da classe média carioca, e daqui pra lá (aponta a rede) num caminhão pau-de-arara, descendo a BR-101 até o Sul Maravilha!

MÁRIO: Me admira você, Mundinha, falar uma coisa dessas. Você também veio do Nordeste ...

MUNDINHA: Vim de avião, Mário, e pra cursar Faculdade de Belas Artes.

MÁRIO: E por isso vai renegar sua origem? Vai pisar em cima da moral dos menos favorecidos, dos pobres que tiveram de amassar a poeira da estrada com a bunda pra chegar até aqui?

MARIA: Não adianta, mãe, ele é esquizofrênico. Esse negócio de origem nordestina subiu à cabeça ...

MÁRIO: Mais respeito comigo, Maria Bonita!

MUNDINHA: Mário, se você me fizer passar vergonha hoje eu não sei o que faço com você! Controle-se porque o Hugo Stocklos é uma pessoa muito sensível - é um verdadeiro artista.

MÁRIO: Sei - esse povo todo é igual ...

MARIA: Eu li uma matéria sobre as galerias dele lá em São Paulo - o cara é grande mesmo!

MUNDINHA: E ele gostou dos meus quadros. Estão vendo só como a Internet é valiosa?

MÁRIO: Falando em Internet, cadê o Lino? Tô até estranhando. Ele hoje deu uma folga pro computador.

MARIA: Ele e o Fred foram fazer uma pesquisa sobre o seu tio avô. Pelo visto a febre nordestina já contaminou mais dois ...

MÁRIO: Ah! O Fred foi também!?

MARIA: É. Ele tá louco pra te agradecer ... mas eu hoje não tô com paciência pra ficar remexendo em livro empoeirado. Deixa que eles se entendem.

MÁRIO: Taí, gostei! Então o cabra tá ajudando o Lino. Booom, muito bom! (outro tom) Mas Mundinha, esse jantar de hoje vai ter aquelas comidas afrescadas que esses artistas comem?

MUNDINHA: Comprei do bom e do melhor.

MÁRIO: Podia ter pego lá no nosso restaurante - tem muita comida boa lá.

MUNDINHA: Comida nordestina, você quer dizer ...

MÁRIO: E não é a mesma coisa, mulher? Vem gente de longe só pra comer no “Lampião do Mário”.

MUNDINHA: Só que eu acho que o Hugo Stocklos não vai ficar muito à vontade pra comer buchada de bode, sarapatéu, carne de sol e outras iguarias ...

MÁRIO: Só se não tiver bom gosto.

MUNDINHA: E quanto à rede?

MÁRIO: Ela fica! E não aceito objeções. Aquele canto da sala é meu, já que ninguém aqui preza as origens ...

MUNDINHA: (deixando para lá) Tudo bem - ele vai acabar achando essa casa muito ... exótica. (muda de assunto) Foi ver o carro, Mário?

MÁRIO: (chateado) Nem me fale nisso, mulher - foi pior

que ser esfolado vivo. Cheguei lá no pátio da delegacia crente que ia ver o mercedez que custou anos da minha vida, e encontrei um fóssil, um esqueleto que só serve pro museu do automóvel.

MARIA: Depenaram ele, pai?

MÁRIO: Depenaram!? Eles fizeram foi um carro a passariño! Cortaram em um monte de pedacinhos, pra servir de aperitivo. Foi uma tristeza! O meu mercedez ...

MUNDINHA: E os assaltantes?

MÁRIO: Nem pista. (entra Jane, com um arranjo de flores na mão)

JANE: Dona Mundinha, chegou isso aqui pra senhora. (entrega para a patroa)

MUNDINHA: (lendo o cartão) Nossa! É do Hugo Stocklos!

MARIA: (levanta, animada) É? E o que é que diz?

MUNDINHA: Diz: “Que você e sua família tenham um dia maravilhoso. Chegou às 19 horas. Com admiração, Hugo Stocklos”.

MARIA: (derretendo-se) Ah! Que cavalheiro, mãe - mandar flores para anunciar a chegada.

MÁRIO: Pra mim, esse cabra é muito abusado. Vê se tem cabimento, mandar flores pra mulher dos outros!

MUNDINHA: Ele não é desse tipo, Mário, você vai ver ... Já preparou tudo, Jane?

JANE: Tudinho. Vai ser uma recepção de primeiro mundo, não essa pobreza de todo dia!

MUNDINHA: Espero ... (entram Fred e Lino, carregando livros e pastas) Lino, Fred! Pelo visto, a pesquisa foi produtiva ... (Jane sai)

LINO: Foi beleza, mãe. Conseguimos um monte de coisas. O Fred arrumou um bolo de fotos, no arquivo do jornal em que ele trabalha.

MÁRIO: (anima-se) Fotos!?

FRED: É, seu Mário, o meu jornal tem mais de 100 anos. Tem um banco de imagens fantástico. (coloca as fotos sobre o sofá). Tá tudo aqui.

MÁRIO: (abraça Fred) Rapaz, você agora é um membro honorário da família.

FRED: Poxa, seu Mário, fiquei emocionado ...

MÁRIO: (recompondo-se) Toma uma postura de macho, Fred! Não é porque você já é da família, que vai começar a me estranhar!

FRED: Me empolguei, foi mal ...

MÁRIO: Tem nada não ... vamos ver o que você trouxe.

MUNDINHA: Vejam tudo, mas venham rápido, que o Hugo Stocklos chega daqui a menos de meia hora.

FRED: Então o Hugo Stocklos vem mesmo?

MUNDINHA: Mandou até flores, olha só.

MÁRIO: Coisa de fresco - ou de safado! (continua remexendo as fotos antigas)

MUNDINHA: Mário!!

MÁRIO: (surpreso) Ih! Olha só isso, gente! Essa foto tem o bando do Lampião inteirinho. Como é que você conseguiu essa, Fred?

FRED: É uma reprodução de um jornal do Sergipe.

MÁRIO: Alto nível, rapaz! Imagina isso numa home-page - não, melhor ainda, num site ...

FRED: Ah! Mas eu consegui também muitas reportagens da época, falando das ações do Lampião, da perseguição pelo tenente João Bezerra - e sobre (muda o tom), bem, sobre a morte dele também ... (Mário abaixa a cabeça, faz o sinal da cruz).

MÁRIO: Que ele descanse em paz!

FRED: Amem! (Maria cutuca Fred e faz cara de reprovação)

MUNDINHA: Bem, Mário, isso aqui está muito emocionante, mas a casa está em rito de preparação para uma visita importante - então, vai ver essas coisas lá dentro, porque a sala está arrumada!

MÁRIO: Mas afinal, quem é que manda nessa casa!?

LINO e MARIA: (apontando para a mãe) É ela!

MÁRIO: E eu ainda tenho que aguentar um vexame desses. Que saudade dos tempos do “manda quem pode, obedece quem tem juízo!”

MUNDINHA: Mário, lá pra dentro - Já!

MÁRIO: (recolhendo as fotos e papéis) Tudo bem, mulher, eu só vou porque você hoje tá nervosa. Vem, Fred!

MARIA: Poxa, pai, a gente ia no shopping agora!

MÁRIO: ‘Cê falou tudo, Maria: vocês “iam”, não vão mais. Lampião, aqui nessa casa, tem prioridade!

MARIA: Ô, Fred, faz alguma coisa!

FRED: (sem saber o que fazer) Eu vou lá dentro um pouquinho e daqui a pouco a gente sai, tá? (dá um beijo em Maria e acompanha o sogro)

MARIA: Esse negócio não vai dar certo, mãe. O papai tá alugando o Fred com essa história de Lampião ... Eu vou acabar arrumando outro namorado.

MUNDINHA: E aí vai ser a mesma coisa, minha filha. Namorado pra você tem que pagar pedágio ao seu pai. É inevitável, Maria ...

LINO: (interrompendo) Mãe, eu não tô muito afim de participar desse jantar, não - eu também não gosto dessas frescuras ...

MUNDINHA: (avança pro filho, irritada) Não gosta, né! (puxa Lino pela orelha) Mas enquanto você for um adolescente vivendo nas asas da mamãe, vai ter que aturar ... e

com educação, entendeu bem!?

LINO: Tá, mãe - você é quem sabe ...

MUNDINHA: Você está começando a pegar as manias do seu pai. Deve ser a idade! Mas é bom ir parando por aí, porque eu não vou aturar dois malucos dentro de casa não.

MARIA: (implicando) Aí, Virgulino!

LINO: (irritando-se) Não enche, Maria! (sai, nervoso)

MUNDINHA: (senta-se no sofá) Meu Deus do céu, parece que todo mundo resolveu ficar atacado justo hoje ...

MARIA: (indo consolar) Não fica preocupada não, mãe. O jantar vai ser um sucesso!

MUNDINHA: Tomara! (olha o relógio) Ih! Daqui a pouco o Hugo Stocklos chega e eu ainda nem me arrumei. Dá licença, minha filha, que eu vou lá dentro me produzir em regime de urgência.

MARIA: Tá bom, vai fundo, mãe!

MUNDINHA: (saindo) Jane! Dá um jeito nessa sala, menino!

JANE: (fora de cena) Tô indo, Dona MUNDINHA! (entra, com um espanador) Sua mãe tá uma pilha hoje, heim, Maria! Pelo visto esse tal de ... Hugo Scroque ...

MARIA: Stocklos, Jane. O nome é Stocklos!

JANE: É, isso aí ... Mas parece que o cara é importante mesmo!

MARIA: Só sei que se mamãe fizer uma exposição numa das galerias dele em São Paulo, vai valer por dez anos de trabalho. Primeiro São Paulo, depois o mundo!

JANE: (delumbrada) Noooooosssa! Dona Mundinha vai ficar famosa!

MARIA: Pega leve, Jane - também não é pra tanto! (Fred aparece, se esgueirando pelas paredes, fugindo de Mário) Fred!? O que é que houve?

FRED: (sussurrando) Fala baixo, Maria! Acho que consegui despistar o seu pai ...

MARIA: Agora é que você tá vendo como o velho é chato! Vamos sair ...

FRED: Tá, vamos lá! (os dois saem)

JANE: (espanando) Ô família complicada! Um pensa que tá no sertão, a outra pinta esses quadros que ninguém entende ... Ó só, que coisa maluca é essa aqui?

MUNDINHA: (entrando de surpresa, já arrumada) É uma composição niilista a partir da dissolução de um ser humano e sua recomposição em forma de luz. Deu pra entender?

JANE: (nervosa) Dona Mundinha! É ... é ... bem ... acho que eu sou é meio burra mesmo, e não entendo bem dessas coisa, não.

MUNDINHA: Deixa pra lá, Jane! Eu só tava brincando com você. Cadê a Maria?

JANE: Saiu ... com o Fred.

MUNDINHA: Mas e o meu jantar!? Se ela não estiver aqui quando o Hugo Stocklos chegar ... (Mário entra confabulando com Lino)

MÁRIO: Sabe, meu filho, acho que a gente precisa ser mais radical. Esse negócio de fazer home-page, website, e outras porcarias, é bom, mas não tem o “espírito de Lampião”.

MUNDINHA: (prestando atenção) Para de encher a cabeça do menino com baboseiras, Mário!

MÁRIO: (olha, irônico) Mundinha, isso aqui é meu departamento. (para Lino) Como é que é o nome desses cabras que ficam fazendo pirataria na internet?

LINO: Ahn ... Hackers!?

MÁRIO: Isso!

MUNDINHA: Mário, Mário ... Aonde você quer chegar?

MÁRIO: Eu quero chamar atenção para a importância de Lampião, Mundinha. Eu quero levar o Cangaço para a tal de Internet!

LINO: Ih! Delirou brabo!

MUNDINHA: Mas isso é crime, seu louco! Vai botar nosso filho nisso? De jeito nenhum!!!

MÁRIO: Vai me dizer que você ainda não invadiu o site alheio nesse computador, heim, Lino?

LINO: É ...

MÁRIO: Seja macho, ô cabra! Fale a verdade pro seu pai!

LINO: (sem graça) Bem, às vezes, né!

MÁRIO: Tá vendo, mulher - esse garoto é um talento!

MUNDINHA: É um trombadinha eletrônico, isso sim! Ah! Meu Deus, eu tenho um delinquente na minha casa. Lino, você tá proibido de usar esse micro!

MÁRIO: Não!!! Eu vou é aproveitar isso!

MUNDINHA: Mário, você tá querendo me tirar do sério, é?

MÁRIO: Mas Mundinha, é só pra chamar atenção. Imagine, mulher, um cangaceiro viajando na Internet, fazendo um saque aqui, outro ali ... Isso sim é evolução! A gente pode ir nas páginas do governo denunciar a seca no Nordeste, pode exigir justiça pro Lampião - que foi morto covardemente! É uma revolução!

JANE: Ô gente, eu vou lá dentro porque eu ganho muito pouco pra ficar aqui ouvido essas coisas ... (sai)

MUNDINHA: Mário, Mário ... Dessa vez você se superou ... Cangaço virtual! Que bobagem, Mário! Daqui a pouco você vai querer fazer uma grife, uns bonequinhos do Lampião pra criançada - não, melhor, que tal um refrigerante de Mandacaru, do tipo "Lampião Cola"!

MÁRIO: Vai brincando, vai.

MUNDINHA: Brincando nada, Mário - se eu ouvir essa con-

versa de maluco outra vez, eu juro que te mando de volta pra Pernanbuco! Direto pra um hospício, ouviu!?

LINO: Pai, esse troço é barra pesada mesmo ...

MÁRIO: Sei, e é por isso que você fica aí, pirateando à vontade, bem na minha sala! E se aparecem uns federais aqui, pra prender o “capitão gancho” de araque? (toca a campainha. Mundinha olha o relógio e se assusta).

MUNDINHA: Ah! Não, é o Hugo Stocklos! E a gente aqui viajando nos delírios do Senhor Mário Ferreira! (Jane aparece e vai atender a porta. Mal abre, e é “atropelada” por Hugo, que parece desesperado - e um pouco afetado)

HUGO: (afetado) Mundinha, minha amiga, acabei de sofrer uma experiência terrível, escabrosa, horrenda!

MUNDINHA: Hugo, o que aconteceu com você?

HUGO: Querida, eu fui assaltado!

MÁRIO: (com desdém) Ah! Foi isso? Pensei que tinha sido algo mais sério!

HUGO: (olha Mário de cima a baixo) E o senhor, quem é?

MÁRIO: O marido da artista.

HUGO: (para Mundinha) Ele é insensível assim mesmo?

MUNDINHA: Me desculpe, Hugo, é que o Mário também foi assaltando um dia desses ...

HUGO: Verdade!?! E levaram o quê?

MÁRIO: Minha honra, ô cabra!

HUGO: (ri) Honra!? Ah! Meu Deus, mas que coisa mais antiga ... De mim levaram uma BMW, querido. Milhares, milhares de dólares, sabe?

MÁRIO: Pena que “não feriram ninguém”, não é?

MUNDINHA: (tentando contornar) Essa cidade anda mesmo muito violenta, Hugo. Foi ... uma sorte você ter saído bem!

MÁRIO: Sorte pra quem?

LINO: (no ouvido de Mário) Dá um tempo, pai!

MUNDINHA: Jane, traz um café para o senhor Hugo, por favor!

HUGO: Ah! Querida, eu prefiro água com açúcar ... (Jane sai)

MÁRIO: (resmungando) Êta frescura, sô!

LINO: O senhor já foi à delegacia?

HUGO: Senhor!? Deixe de formalidade, rapaz - eu sou um amigo de sua mãe, sou quase da família! (Mário balança a cabeça) Mas sim, já fui à Delegacia - aliás, um lugar horrível, tenebroso, simplesmente abominável! Para registrar queixa só faltaram me pedir a certidão de casamento - e olha que eu nem sou casado!

MÁRIO: Logo vi - você não leva jeito pra coisa mesmo ... (jane volta e serve a água)

MUNDINHA: Isso vai acalmar você, Hugo ... Deve ter sido um momento muito difícil para uma pessoa tão fina e sensível ...

HUGO: Ah! Foi sim ... (outro tom) Mas que casa ... “exótica”, que você tem, amiga. De um lado, o terceiro milênio, o futuro, a informática ... De outro, o flagelo da seca, o drama dos retirantes, a fome, o sofrimento ...

MÁRIO: (interrompendo) ... o orgulho da raça, a força do Nordeste, que vence todas essas dificuldades.

HUGO: Que bonito - um homem que preza as raízes!

MÁRIO: Isso é pra quem pode, ô cabra!

HUGO: Pois eu sou descendente de suíços, sabe ... um povo fabuloso, coisa de primeiro mundo!

MÁRIO: (irritado) Cê tá desdenhando da minha origem?

HUGO: Eu!? Não, longe de mim esse tipo de coisa ... todos nós somos nobres, meu amigo!

MÁRIO: Sei ... Só que eu descendo de Virgulino Ferreira, o Lampião - símbolo de uma raça!

HUGO: Lampião? Mas que pitoresco! Eu pensei que tivessem dado um fim nas famílias dos cangaceiros ...

LINO: Pai, esse papo não tá legal ...

HUGO: Mas olha, querido, é bom você reformular seus conceitos! Eu li na internet que o famoso Lampião era gay, sabia? (Mundinha põe as mãos na cabeça)

MÁRIO: (saca a peixeira e avança para Hugo) Fala isso de novo pr'ocê ver, seu baitola! Eu vou te sangrar, pra cê deixar de ser abusado!

HUGO: Que é isso, gente!? Eu não pensei que ...

MÁRIO: Você não pensou que ainda tivesse cabra macho no mundo, né!? Pois tem sim - Lampião ainda tem quem lave a sua honra!

MUNDINHA: (grita) Mário!!! Guarda essa peixeira!

MÁRIO: (larga Hugo, sorridente) Tá certo, Mundinha ... eu só queria dar um bom susto nesse aí! Assim ele aprende a não caluniar o cangaceiro mais famoso do Brasil.

HUGO: Poxa, gente, não é calúnia, não! Eu vi na página daquele grupo gay lá da Bahia ...

MÁRIO: Olha só, Lino, até ele já viu!

MUNDINHA: Meu Deus, que noite!

HUGO: Olha, Mário, me desculpe tocar no assunto ... Mas hoje em dia é assim mesmo, né, Mundinha? Pra onde você vira, teu um gay ali ...

MÁRIO: Tô olhando pra um.

HUGO: Pois é! E o que há de mal nisso?

MÁRIO: Nada, desde que você não se engraça com alguém da minha família ...

HUGO: (ri, animado) Quer saber de uma coisa - eu "AMEI"

isso aqui. Mas que família exótica, gente! (para Mário) Só não precisava sacar a peixeira, mas tudo bem! Chegou a me descontrair, depois daquele assalto terrível.

MUNDINHA: (aliviada) Graças a Deus!

MÁRIO: Ô, Hugo Stocklos, cê também me desculpe o mau jeito aí, tá bom ... é que depois que caluniaram o meu tio-avô eu ando estourado ...

LINO: ... quer dizer, mais do que o costume ...

MÁRIO: O negócio é que eu não quero atrapalhar o assunto de vocês dois, não. A arte da Mundinha pra nós todos aqui é sagrada, é a melhor coisa que já saiu dessa família.

HUGO: Que nada, até que você é um tipo legal, assim meio rústico ...

MÁRIO: (para Lino) Ih! Esse cara tá me estranhando, filho.

LINO: (sussurrando) Vamos lá pra dentro, enquanto eles tratam de negócios. (para Hugo) Aí, Hugo, leva a mal não, mas é que amanhã eu tenho prova, sabe como é ... vou lá dentro estudar, valeu!

HUGO: Fique à vontade ...

MÁRIO: E eu vou lá dar umas chicotadas no garoto pra ver se ele estuda mesmo. (vão saindo)

MUNDINHA: Hugo, Hugo, essa casa está um pandemônio! Me perdoe!

HUGO: Que é isso, Mundinha - a gente sabe que artista

plástico não é lá o tipo de pessoa mais normal do mundo. Eu já vi cada coisa que você nem acreditaria, menina. Ih! Lembrei de um ...

MUNDINHA: (interessada) Ah! Conta, vai!

HUGO: É que não fica bem ...

MUNDINHA: Nãããã, pode contar. Eu juro que não espalho (cruza os dedos)

HUGO: (tricotando) Menina, você pensa que Dali e Picasso eram esquisitos? É porque você não conheceu o Tavares, lá de Fortaleza - aliás, os quadros dele estão valorizando de forma assombrosa. Mas o homem é o cúmulo! Só pinta mergulhado numa banheira.

MUNDINHA: Mesmo?

HUGO: E isso nem é o pior, minha filha - Vinícius de Moraes gostava de compor na banheira, Marat foi morto na banheira, e por aí vai. O negócio é que o Tavares só pinta paisagens, Mundinha. Agora, imagina só - ele tem uma banheira de rodinhas e um mordomo grandalhão - cacho dele, sabe - que leva a banheira de um lado pro outro.

MUNDINHA: (incrédula) Nãããã!!!

HUGO: Pois é verdade. O cara fica lá, tomando banho e pintando, em qualquer lugar que dá vontade. (ri) Não é o máximo?

MUNDINHA: Essa é boa mesmo, heim!

HUGO: E eu, pra negociar uma exposição pra ele, tive que

entrar na banheira também ... Foi um vexame, menina!

MUNDINHA: Imagino!

HUGO: Dá pra ver que essa confusão aqui é pinto pra mim, não é?

MUNDINHA: É ...

HUGO: Mas olha, eu tinha até trazido um contrato pronto, mas levaram no assalto. Eu vi seus quadros na Internet e quero uma exposição sua na minha principal galeria ...

MUNDINHA: Você gostou mesmo?

HUGO: Pra ser sincero, Mundinha ... Eu amei! É uma coisa tão colorida, vibrante, um estilo que me lembra ... um carnaval - é isto, uma folia! Bem tropical!

MUNDINHA: (decepcionada) Mas a minha arte é intimista, Hugo, é introspectiva, amargurada ...

HUGO: Isso não tem importância. O que vale são as bobagens que a gente diz nos jornais pra fazer o quadro vender, Mundinha. Quero seus 30 melhores quadros daqui a duas semanas em São Paulo - você vai expor na L'Argent de L'Art - parece um shopping, menina!

MUNDINHA: Noossa!

HUGO: O contrato eu mando pelo seu e-mail, tá bom?

MUNDINHA: Como você preferir ...

HUGO: E você me desculpe, mas eu não vou poder ficar pro jantar, Mundinha!

MUNDINHA: Não!? Ah, Hugo, eu preparei um cardápio divino. Até pesquisei as suas preferências ...

HUGO: É que eu tenho que voltar à Delegacia (faz cara de nojo) e depois pegar o último vôo da Ponte Aérea, porque eu fiquei sem nada aqui no Rio.

MUNDINHA: Que pena! (Hugo se levanta)

HUGO: Não fica triste não, querida - lá em São Paulo eu vou fazer uma recepção poderosa pra você!

MUNDINHA: (levanta-se) Eu compreendo, Hugo. (trocam beijos. Mundinha leva Hugo até a porta e os dois são “atropelados” por Maria, que entra em casa às pressas e se agarra na mãe, dramática)

MARIA: (desesperada) Mãe!!!

MUNDINHA: O que foi, minha filha? Por que você tá assim, menina?

MARIA: (para o público) Eu e o Fred fomos assaltados, mãe. Roubaram o carro dele!

MUNDINHA: Mais um!? Que urucubaca, heim!

HUGO: Esta cidade está terrível!

MUNDINHA: E o Fred? Ele está bem?

FRED: Tô chegando, Dona Mundinha ... (entra, abatido, lamentando) Levaram meu Chevette sete meia, gente! O único da espécie que passou na vistoria do Detran. Tinha até farol de milha e roda de magnésio ...

HUGO: (para o público) Será que nem mais ferro velho eles estão deixando em paz!?

(FIM DO 2º ATO)

O CANGACEIRO NA INTERNET

3º ATO

(Um mês depois. Mundinha já está há duas semanas em São Paulo, acompanhando a exposição, que é um sucesso total. Enquanto isso, Mário aproveita para por em prática o plano de “levar o Cangaço à Internet”. A cena começa com Mário, Lino e Fred amontoados no computador, confabulando).

MÁRIO: (ansioso) Lino, você tem que terminar esse negócio logo, menino - sua mãe chega hoje de São Paulo (à parte) Espero que ela volte de bom humor.

LINO: Pai, eu tô fazendo o mais rápido que posso.

MÁRIO: Rápido!? Sua mãe fica duas semanas em São Paulo, às voltas com aquela exposição, e você não consegue sair do lugar com essa história de “pirataria virtual” - ou seja lá o que for.

LINO: Então senta aqui e vem fazer, pô!

MÁRIO: Respeita seu pai, moleque!

LINO: Tem quinze dias que eu não faço outra coisa - acho até que a minha coluna não vai mais voltar pro lugar, de tanto tempo que eu tenho ficado sentado ... É você nem reconhece o meu esforço!

MÁRIO: Pronto, ficou sentido!

FRED: Gente, ficar brigando só vai atrasar o serviço!

MÁRIO: É, cê tem razão ...

FRED: É, e além disso ele concluiu o site sobre Lampião, seu Mário.

MÁRIO: (orgulhoso) É, né! Ficou porreta, menino! Esse moleque aí sabe mesmo mexer nesse troço ...

FRED: E a pesquisa!? Acho que nem Maria Bonita sabia tanto sobre Lampião quanto o que a gente descobriu por aí.

LINO: Mas o que eu gostei mesmo foi de colocar aquela peça de Rachel de Queiroz no site.

MÁRIO: (deslumbrado) Ah! Isso foi mesmo demais (empolga-se) Ela transformou Lampião num personagem assim como Otelo, Hamlet, Romeu, ou até Macbeth. É tão sensível ...

FRED: Tem umas cenas fortes - neguinho sendo metralhado, e coisa e tal ...

MÁRIO: Mas era um tempo feito pra macho, rapaz! Você enfrentava o perigo com a cara e a coragem. Não é igual a esse negócio de “bala perdida”, que tem hoje em tudo que é lugar.

LINO: E olha que o site já tá causando polêmica. Tem gente furiosa, mandando e-mail pra cá, falando que Lampião era um bandido sanguinário, que ele era um criminoso que abusava da crueldade, estuprava e marcava as mulheres feito gado, até que ele matou seus próprios irmãos e atormentou a vida de muitas cidades do Sertão.

FRED: E tem quem fala que ele era um Robin Hood do Nor-

deste. Que ele só matava seus inimigos e poupava os inocentes ... e que ele foi morto covardemente.

MÁRIO: Mas ele era só um homem, gente - e qualquer homem tem esses dois lados - um bom, outro mau. O negócio é que a História nunca fez jus ao valor de Lampião, mas agora nós vamos acabar com isso. (anda pela sala, discursando como um político) Vamos fazer uma cruzada em defesa do homem nordestino. Vamos levar uma palavra de esperança aquele povo sofrido (empolga-se). “Sertanejo é forte, supera as misérias sem fim!”

FRED: Eu já ouvi isso em algum lugar ...

MÁRIO: Podem falar o que quiserem de Lampião - ele foi um fora da Lei. Tá certo que tinha pouca diferença entre bandido e polícia naquele tempo. Mas de uma coisa eu não abro mão - ninguém vai chamar Lampião de baitôla impunemente! Essa é uma guerra santa!

LINO: Pronto, começou a delirar de novo! Volta pro chão, pai!

MÁRIO: Delírio sim, meu filho! Delírio de grandeza. Você não tem orgulho de sua origem não, menino? Nós somos o retrato de uma raça, a prova da capacidade de sobrevivência do povo nordestino.

LINO: Pai, eu sou carioca ... fale só por você! E aliás, me deixe trabalhar, senão esse troço não fica pronto.

MÁRIO: (para Fred) Acho que, no fundo, ele não me entende. Eu só queria que ele se orgulhasse disso, assim como eu.

FRED: (puxa Mário pelo braço, até o sofá) Acho que ficar pressionando o Lino é pior, Seu Mário. Eu tenho certeza que com esse trabalho de pesquisa que a gente fez, ele compreende melhor a origem da família, e até mesmo o seu gênio difícil ...

MÁRIO: É, eu não tinha pensado nesse ângulo ... (outro tom) E gênio difícil tem a senhora sua mãe!

FRED: Não falei?

LINO: (eufórico) Pai! Acho que consegui! (Mário e Fred correm para o computador)

FRED: E o que é que você tá fazendo?

MÁRIO: Desembucha, menino!

LINO: Tô armando a maior quizumba na página daquele grupo gay. Afinal, isso é questão de honra!

MÁRIO: Isso, garoto!

LINO: Botei uma mensagem lá ...

FRED: Qual?

LINO: Virgulino Ferreira está de volta! Respeitem a memória de um cabra-macho!

MÁRIO: (decepcionado) Só isso? Você tinha que fazer um negócio mais forte, mais contundente! Essa frase aí é bonita, mas não vai chamar atenção.

LINO: Vai sim. Eu botei esse texto em tudo lá. Os caras não

vão poder clicar nada, que vão dar de cara com isso. Vão ficar desesperados ...

MÁRIO: Ah! Assim é bem melhor!

LINO: E tem mais. Eu espalhei uns chapeuzinhos de canga-ceiro por lá. E no lugar daquele texto que chamava Lampião de gay, eu pus um “manifesto do cangaço”, pra marcar a chegada do cangaço à Internet.

MÁRIO: Manifesto do cangaço!?

LINO: Feito por mim - tá uma beleza! (mexem na fechadura da porta. Por um momento, ss três se assustam e se separam - disfarçando mal o fato de estarem fazendo algo ilegal)

MARIA: (entrando) Oi, gente!

MÁRIO: (aliviado) Ah! É você? Pensei que fosse sua mãe.

MARIA: Que caras são essas? Vocês estão aprontando alguma besteira ... dá pra sentir o cheiro!

FRED: Ô, Maria, pega leve!

MARIA: De você eu nem falo mais, Fred. Parece até que tá namorando o meu pai agora - não sai mais do lado dele!

FRED: Também não é assim, né ...

MARIA: (contrariada) Podem voltar a confabular, porque eu não vou atrapalhar ... (vai para dentro de casa)

MÁRIO: Liga não, Fred - ela gosta de você, senão já tinha arrumado outro. Essa menina tem o gênio da finada Maria

Bonita, que largou tudo pra viver com Lampião!

FRED: O negócio, seu Mário, é que ela tem até razão de reclamar ...

MÁRIO: Mas agora cê pode dar uma volta nessa história, rapaz! (bate continência) Tô te dispensando do serviço, ô cabra. Eu e o Lino damos conta do resto por aqui. Vê se leva a menina pra se divertir.

FRED: (animado) Valeu, seu Mário! (vai correndo para dentro de casa)

MÁRIO: Cabra bom, esse Fred! Tem um nome difícil pra danar, mas é um cabra bom ...

LINO: Só tem um negócio que me preocupa nessa história de levar o cangaço pra Internet ...

MÁRIO: Sua mãe?

LINO: Não, não - ela é problema seu ...

MÁRIO: Então, o que é menino?

LINO: A Lei, pai.

MÁRIO: E desde quando cangaceiro se preocupa com esse troço de Lei?

LINO: E quem aqui é cangaceiro? Quem é cangaceiro?

MÁRIO: Tá borrando as calças, né, menino? Desse jeito vai envergonhar o nome do seu tio-bisavô.

LINO: Pô, pai, esse negócio é sério! Imagina se você vai pra cadeia e eu pra um reformatório? E a vergonha que a gente vai fazer a mamãe passar? E o Fred, pai - ele é um jornalista conhecido e vai acabar se encrencando com isso ...

MÁRIO: Ah! Lino, foi só uma brincadeira com os baitôlas ... agora a gente deixa eles em paz. Duvido que alguém ainda queira caluniar Lampião depois desse susto!

LINO: Pode ser ...

MÁRIO: (aos gritos) Ô, Jane! (pausa sem resposta) Jaaane! (para Lino) Tá vendo? Quinze dias com a patroa fora de casa e essa mulher parece que tirou férias.

LINO: Peraí, que eu tenho a solução .. (chama, calmamente) Jane!

JANE: (for de cena) Já vou, Lino!

LINO: É só questão de jeito, pai ...

MÁRIO: É marcação com a minha cara, isso sim. Ela atende a todo mundo.

JANE: (entrando) Desculpe, Lino, é que tava passando uma notícia chocante na TV e eu queria contar pro seu pai ...

MÁRIO: (surpreso) Pra mim!? Ué, por que, criatura?

JANE: É que tem a ver com Lampião ...

MÁRIO: Não me diga que tem mais gente caluniando o velho Virgulino? Essa coisa acaba virando mania ...

JANE: Nãããoo ... agora foi diferente. Parece que tem alguém causando o maior problema na Internet, dizendo que é Lampion!

MÁRIO: (atônito) O quê?

JANE: É isso mesmo! Eu vi o presidente de um grupo gay lá do Nordeste, sei lá de onde, dizendo numa entrevista que arrumaram a maior bagunça na “rôme peige” deles. Ele denunciou o negócio pra Polícia.

LINO: Ih! Sujou!

MÁRIO: Mas, peraí - como é que esse negócio chegou tão rápido na televisão? Caramba!

JANE: O quê?

MÁRIO: Ahn? Não, só tava pensando alto ...

JANE: As coisas hoje em dia são assim mesmo, seu Mário. A gente espirra aqui e pronto, já tá a meleca na televisão!

LINO: Pô, Jane, que nojo!

JANE: Exagerei, né?

MÁRIO: Mas então quer dizer que já deu até polícia?

JANE: (faz um clima de terror) Pois é! Polícia Federal - e eles disseram que já têm até pista dos ha ... ha ... hackers, não é isso?

LINO: Tá vendo, pai, eu disse que isso ia dar rolo!

JANE: (curiosa) Isso o quê?

MÁRIO: Nada, Jane, nada! (para Lino) Se controla, menino, que tá dando na vista!

JANE: Ah! Eles disseram que estão raaaastreando - isso, rastreando! - pra pegar quem aprontou essa encrenca! Vão botar a turma na cadeia, seu Mário!

LINO: Caramba!

JANE: Mas deixa isso pra lá, né. O que é que você queria de mim, Lino?

LINO: Eu!?

JANE: É! Você não me chamou?

LINO: Ah! Não, deixa pra lá ...

JANE: Tá ... então vou lá dentro. Daqui a pouco vai começar a novela. (Sai. Lino e Mário estão chocados, sentados).

LINO: (desesperado) Ferrou! Vou parar atrás das grades! Já tô até vendo as manchetes: Lino, 14 anos, delinquente juvenil ...

MÁRIO: Calma, não é hora pra pânico!

LINO: Não!?! E quando vai ser? Na hora em que a gente já estiver no camburão?

MÁRIO: Não vai acontecer nada, menino! Como é que eles vão descobrir que foi a gente?

LINO: É mole! Raciocina, pai - Lampião tava morto e enterrado. Ninguém mais falava nele. Aí, aparece um site sobre o cangaceiro na Internet. Dias depois, acontece um ataque a quem estava falando mal de Lampião ... Quem são os principais suspeitos?

MÁRIO: Bobagem!!

LINO: Pô, pai, a gente é parente do Lampião, eu mexo com computador, me chamo Virgulino Ferreira - pior, impossível!

MÁRIO: Vai borrar as calças de novo!

LINO: Já borrei! (Maria Bonita e Fred passam pela sala, a caminho da saída para o cinema)

MARIA: Tchau, pai - a agente vai ao cinema!

MÁRIO: (de repente) Não!!! (os outros se assustam) Não, eu tenho um assunto seríssimo pra tratar com o Fred.

MARIA: Ah! não, de novo não!

MÁRIO: (aproxima-se da filha e a sacode pelos ombros) É sério, Maria - é um assunto de vida ou morte!

MARIA: Tão sério assim?

MÁRIO: Pior!

MARIA: O que foi que vocês arrumaram, heim, pai? Não tô gostando desse clima ...

MÁRIO: Nada, filha, deixa que eu resolvo.

MARIA: Nada? E você quer que eu deixe de ir ao cinema por nada!? Nem pensar! Ou você me conta o que houve, ou não tem mais conversa!

MÁRIO: Não complica mais as coisas, menina.

MARIA: Complicar o que? (clima tenso, silêncio nervoso) O que é que está acontecendo, pai!?

LINO: (nervoso) É que a gente se meteu numa fria!

MARIA: Até aí já deu pra ver ...

MÁRIO: Cala a boca, moleque!

LINO: A Maria pode ajudar, pai - ela é a mais inteligente da família, o maior QI, e ainda é faixa preta de karatê. Vai que a gente precisa de segurança ...

MÁRIO: Isso é que dá abusar do trabalho infantil. Criança não aguenta pressão!

FRED: Mas o que foi que houve, gente?

LINO: A Polícia Federal está atrás da gente!

FRED: O quê!?

LINO: Eles querem pegar o “cangaceiro da Internet”, e vão acabar prendendo a gente!

FRED: Não é possível!

LINO: Deu até na televisão, cara! Até a Jane já viu ... A gente tá ferrado!

MARIA: O que é que vocês arrumaram, heim, “três patetas”?

MÁRIO: Olha o respeito, menina!

LINO: A gente hackeou a home-page de um grupo gay - aquele que chamou Lampião de baitola!

MÁRIO: A gente, não. Você fez!

LINO: Porque você mandou!

MARIA: (senta-se) Não acredito nisso - meu pai, meu irmão e meu namorado dando uma de cangaceiros eletrônicos! Quem vocês pensam que são: Lampião, Corisco e Volta Seca?

MÁRIO: Para de debochar, filha!

MARIA: Mamãe vai matar vocês quando chegar!

MÁRIO: Isso se ela souber.

LINO: Quando a gente for preso vai ficar difícil esconder dela, né, pai?

FRED: Ô, gente - o único jeito é desfazer o negócio! Temos que retirar o time de campo, pra evitar mais confusão!

MÁRIO: (relutando) Retroceder, nunca! Render-se, jamais!

LINO: Isso é nome de filme vagabundo, pai, não quer dizer nada! Se me pressionarem eu confesso até o que eu não fiz!

MÁRIO: Um cangaceiro não recua, Lino. Você tem que hon-

rar sua origem. Quando os macacos federais chegarem, a gente sangra eles.

LINO: Ah! Meus Deus, ficou maluco de vez. Eu tô ferrado!

MARIA: Pai, deixa de delírio. Dá pra mudar tudo aí, Lino?

LINO: Sei lá! Acho que sim! (vai para o computador, apressado) Mas será que vai adiantar.

FRED: Pelo menos melhora a situação. Que enrascada, gente!

MARIA: E me admira você, Fred - um jornalista, esclarecido, envolvido numa maluquice dessas!

FRED: A gente entra pra sua família e fica logo maluco.

MÁRIO: Você ainda não é da família, ô cabra!

FRED: Pro senhor ver como isso é contagioso! Pelo menos, sou maluco pela Maria.

MARIA: (derrete-se) Não precisa apelar, Fred. Você sabe que eu não resisto.

FRED: Mas é verdade, Maria - eu sou louquinho por você! (os dois se beijam. Mário interrompe, com um pigarro)

MÁRIO: Vamos parar com essa sem-vergonhice! A gente aqui no maior filme policial, e vocês querendo fazer um romance ...

FRED: Desculpe a liberdade, seu Mário. (Jane entra, esbaforida)

JANE: (grita) Seu Mário! (Mário se assuta) Lampião virou o assunto da vez! A tal história de cangaceiro na internet ficou séria mesmo, viu!

MÁRIO: Qual foi a última, Jane?

JANE: Os gays estão preparando manifestações pra todo o Brasil. Tem gente dizendo que vai provar por A mais B que Lampião era boiola mesmo!

MÁRIO: Depois do homem morto, podem dizer qualquer coisa ...

MARIA: Viu só, pai!” Você acabou arrumando mais encrenca com sua idéia genial!

MÁRIO: (nervoso, anda pela sala) Mas será que eu vou ter que ficar quieto e deixar esse pessoal caluniar Lampião? Isso não é justo, não é justo mesmo!

FRED: Sinceramente, seu Mário, acho que o senhor pode protestar legal no site do Lampião - que, aliás, ficou bom pra caramba! Conta lá a sua versão da história, mostra os documentos e tudo mais. Aí as pessoas tiram suas conclusões.

MARIA: É, pai, isso é direito seu, que é parente do cangaceiro - mas invadir o trabalho e a liberdade dos outros é crime mesmo, é um exagero!

LINO: E dá cadeia! Eu tô ferrado! (continua mexendo no computador, desesperado)

MÁRIO: Sei não, filha, eu gosto mesmo é de agir à moda antiga - na base do olho por olho.

MARIA: Então fica aí esperando a polícia chegar ...

JANE: (entendendo a história) Peraí! Quer dizer que é o senhor que está provocando essa quizumba toda?

MÁRIO: (impaciente) Sou, Jane, sou - agora também todo mundo já sabe ...

JANE: Meu Deus! Será que eles vão me prender também? Podem achar que eu sou cúmplice ...

MÁRIO: E você lá tem cara de cúmplice? Se a polícia chegar, eu jogo logo a culpa toda em você, sua inútil!

JANE: Mas aí eu abro o bico e conto tudo ... nem brinca com um negócio desses (vai saindo) Gente, onde eu fui parar! ... (sai)

MARIA: Você assustou a Jane - se ela ficar nervosa, vai acabar fazendo um monte de besteiras ...

MÁRIO: Mas isso ela já faz o tempo todo! (para Lino) Já fez alguma coisa aí, filho?

LINO: Quase pronto! Tô tirando os rastros ... deixei uma mensagem de trégua com os gays. Deve funcionar ...

MARIA: Tomara!

FRED: A última coisa que eu quero é encrenca com a polícia - vai ser difícil explicar lá no jornal.

MÁRIO: (Contrariado) Pois eu, detesto esse negócio de recuar. É um absurdo! Se a polícia chegar aqui, eu sou até ca-

paz de ... (é interrompido por batidas fortes na porta. Todos se espantam e entram em pânico. Mais batidas fortes.)

MARIA: Ah! Meu Deus, são eles! Os federais!

LINO: (atônito) Tenho que me esconder, tenho que me esconder! (batem de novo na porta)

FRED: Vão acabar arrombando a porta!

MARIA: Faz alguma coisa, pai!

MÁRIO: Fazer ...? Ah! Já sei (grita) Jane!!!

JANE: (entra correndo) Que foi? (novas batidas na porta. Jane se assusta) Cruzes! Que é isso?

MÁRIO: Atende a porta, mulher!

JANE: Eu!?? Mas pode ser a polícia!

MÁRIO: Pra que é que eu pago o seu salário, afinal? (batem de novo) Vai logo!

JANE: (vai abrir, com medo) Assim não vale, é covardia! Só porque eu sou uma assalariada, ferrada na vida!

MÁRIO: Vai, Jane, abre logo!

JANE: (faz o sinal da cruz e abre a porta) Meu Deus!

MUNDINHA: (entrando, nervosa, descabelada) Até que enfim! O que houve com vocês, afinal? (todos estão boquiabertos) Como é que é, alguém pode me responder?

MARIA: (recompondo-se) É ... nada não, mãe. É que tava todo mundo distraído.

MUNDINHA: Ah! Então quer dizer que foi um surto generalizado de bobeira? Vocês me deixaram meia hora esmurrando aquela porta ...

MÁRIO: E por que não abriu a porta você mesma?

MUNDINHA: Ora, por que ... Porque eu fui assaltada! (espanto geral) Roubaram o táxi em que eu vim do aeroporto pra cá!

FRED: Essa família tá precisando de um seguro dos bons, viu - nunca vi tanto assalto junto!

MUNDINHA: Sorte que os quadros ainda estão no aeroporto, para virem depois.

JANE: Senta aí, Dona Mundinha. Fica calma, que eu vou fazer um chá.

MUNDINHA: Obrigado, Jane! (Jane sai) Olha, tô pra ver uma recepção mais calorosa ...

MARIA: (junta-se à mãe) Poxa, mãe, desculpe. É que a gente pensou que você viesse mais tarde.

LINO: É, mãe ... mas a gente tá feliz que você voltou pra casa.

MÁRIO: Por falar nisso, como é que foi a exposição?

MUNDINHA: Um sucesso! Quase todos os quadros vendidos, e um monte de boas críticas nos jornais. O Hugo Stocklos

quer fazer outra daqui a seis meses ...

MÁRIO: (anima-se) Então foi bom mesmo ... Parabéns, Mundinha, você é ótima! (beija a mulher).

MUNDINHA: Ah! Assim está melhor. Voltei a ser a rainha do lar ... E o que aconteceu de novo na minha ausência?

MÁRIO: (disfarçando) Nada, nada ...

LINO: (idem) Tudo normal, sabe ...

MUNDINHA: Não sei ... vocês parecem meio estranhos - por acaso, estão escondendo alguma coisa?

LINO: Nããão, mãe, imagina!

MÁRIO: Larga de ver chifre em cabeça de jegue, Mundinha!

MUNDINHA: Tá bom ... (outro tom) Ah! Mas eu tenho uma novidade pra mostrar a vocês ...

MARIA: Oba! O que é?

MUNDINHA: Comprei uns programas de computador pro Lino, numa feira de informática lá em São Paulo. Vão ajudar no trabalho dele na Internet. Quem sabe vocês melhoraram o site sobre o Lampião, não é mesmo?

MARIA: Internet!?! Xiii!!

LINO: Lampião? Tô fora, mãe - eu vou é ver um filme no vídeo - não, melhor ainda, vou ver um jogo de futebol na TV - deve estar passando algum a essa hora!

MUNDINHA: Mas você nem gosta de futebol!

LINO: Não faz mal, é só pra distrair a cabeça mesmo ... (sai de fininho)

MUNDINHA: Não tô entendendo. O Lino recusando programa para o computador? Deve estar doente ... isso não é normal!

MÁRIO: Eu acho até bom ... falar nisso, vou tomar um ar lá fora, que hoje tá muito quente. Acho que vou lá na Feira de São Cristóvão.

MUNDINHA: A essa hora, Mário?

MÁRIO: É ... (vai saindo) Daqui a pouco eu volto. (sai)

MARIA: E nós vamos ao cinema, mamãe. (puxa Fred pelo braço)

MUNDINHA: Mas será que deu a louca em todo mundo hoje? (os dois vão saindo) Podiam pelo menos dizer tchau ...

MARIA: Tchau, mãe. Vamos pegar a última sessão! (saem. Mundinha fica sozinha, pensativa)

MUNDINHA: (levanta e anda pela casa, tentando entender) Juro que não entendi! Eu fico quinze dias fora de casa, sou assaltada na viagem de volta e quando chego, sai todo mundo ... Esse negócio de família é muito complicado.

JANE: A senhora quer alguma coisa, Dona Mundinha?

MUNDINHA: Jane!? Pelo menos você não fugiu de casa por minha causa. Senta aí! (Jane fica indecisa) Senta, Jane,

deixa de bobagem. (ela senta) Você é uma amiga, comigo não precisa ter essa cerimônia.

JANE: Obrigado ...

MUNDINHA: Me explica um negócio, Jane - o que foi que aconteceu aqui durante a minha viagem?

JANE: Ih! Tanta coisa, patroa! ...

MUNDINHA: Você fez o que eu te pedi?

JANE: Tudininho, patroa! Vigiei eles o tempo todo. Não tive um minuto de sossego ... Também, mal a senhora viajou e eles começaram a inventar coisa com aquele computador ... eu vi logo que tinha alguma coisa errada.

MUNDINHA: (levanta, irritada) Eu sabia! O Mário não ia perder essa chance!

JANE: Pois é! Mas eu não dei mole não, Dona Mundinha. Fiquei de olho ... Hoje, quando eu vi que eles tinham conseguido fazer a tal “pirataria”, armei uma mentira ... Uma mentira daquelas!

MUNDINHA: É?

JANE: A senhora nem imagina. Eu inventei uma história daquelas. Botei o maior terror neles - até Polícia Federal eu meti no meio, Dona Mundinha.

MUNDINHA: Você é terrível, menina!

JANE: (convencida) Sou mesmo, né! Mas aí eles caíram di-reitinho - ficaram cheios de medo e acabaram com a confu-

são que tinham aprontado! Foi demais!

MUNDINHA: Muito bom! Então é por isso que ninguém quer ouvir falar em Internet. Eu sabia que você não ia me desapontar. (dá um beijo de agradecimento na empregada)

JANE: (emocionada) Ih! Dona Mundinha, fiquei emocionada.

MUNDINHA: Deixa disso, menina! Prepara um café pra gente que eu tenho um monte de novidades pra te contar.

JANE: (levanta) Ôba! É pra já! (vai saindo)

MUNDINHA: Você sabe de uma coisa, Jane?

JANE: (parando) Ahn.... O quê?

MUNDINHA: (para o público) Já não fazem mais cangaiceiros como antigamente. (as duas riem. Pano)

FIM

O CANGACEIRO
NA INTERNET

Comédia em 3 Atos

SOBRE O AUTOR

WILLIAM MENDONÇA

Poeta, cronista, dramaturgo e compositor,
nascido em Niterói - RJ, em 1968,
e radicado em Tanguá-RJ.

Seu trabalho artístico começou com a poesia, em 1985, com a participação em festivais e recitais. Publicou esporadicamente em jornais, revistas e blogs, com destaque para sonetos e poemas líricos. Participa de eventos culturais em Itaboraí-RJ há vários anos, apresentando seus poemas.

Também em 1985, iniciou-se no violão como autodidata, influenciado por Lô Borges, Milton Nascimento e os mineiros do Clube da Esquina e Oswaldo Montenegro. Também toca bandolim e cavaquinho. De 1986 a 1989 integrou grupos musicais em Niterói, como violonista, vocalista e compositor.

No ano seguinte, começou seu trabalho na área teatral, escrevendo peças. Participou do grupo teatral Parafernália, de Itaboraí, não só como ator e autor, mas também dirigindo peças e oficinas teatrais e escrevendo trilhas sonoras para musicais.

Da experiência de 18 anos de trabalho no jornalismo, como redator e diagramador, iniciou-se também como cronista, publicando em jornais do interior do Estado do Rio, no site “Cronistas reunidos” e em blogs.

Também escreve contos no gênero da ficção científica, influenciado por nomes como Ray Bradbury e Phillip K. Dick, e tem especial interesse em biografias.

Trabalha como jornalista, na imprensa do interior do Estado do Rio - mantém coluna INFORME CULTURAL no jornal O ALERTA, de Itaboraí - e é bancário no BB.

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita desde que o conteúdo não seja alterado e que seja citada a autoria e a fonte.

Publicado no site do autor em 19/11/2006
www.williammendonca.com

Contatos para montagens teatrais:
will_mendonca@yahoo.com.br

O Cangaceiro na Internet